

## NA REDE, COM COBERTURA:

### Rubem Braga *sem anos*\*

FRANCISCO TOPA (UP)

É a segunda vez que participo nesta iniciativa, cuja importância não necessita de ser sublinhada: em tempos sombrios como os que vivemos, é uma espécie de privilégio poder falar de paixões, ainda por cima literárias.

Há dois anos, cabendo-me escolher um autor africano, apontei Ondjaki; hoje, podendo inclinar-me para qualquer dos lados do Atlântico, decidi assinalar os *sem anos* de Rubem Braga, ignorados no nosso país, como seria de esperar. De facto, em Portugal temos apenas uma antologia daquele que foi considerado pelos críticos e pelo público como “príncipe da crónica”: intitulada *Os trovões de antigamente*, saiu em 1973 na Livros do Brasil, com seleção e prefácio de Baptista-Bastos, outro jornalista-escritor. O lançamento, em Lisboa, contou com a presença de Braga, que aliás dedicou ao nosso país, aos nossos escritores, aos nossos emigrantes, uma atenção continuada, mesmo se discreta. Mas no Brasil a data, não estando a passar em claro, também não tem merecido grande destaque, exceção feita à *rede*, não a rede de dormir – tão valorizada por Rubem –, mas a rede informática.

Talvez Rubem Braga (e Ondjaki) esteja na categoria do *óbvio ululante*, para retomar uma expressão proverbial de outro cronista brasileiro, Nélson Rodrigues; um óbvio que, por demasiado óbvio, está já em transição para o trivial, não prestigiando suficientemente quem o escolhe. Acontece que as paixões – sobretudo as que, como as minhas, são de meia-idade e, portanto, menos

autofágicas e sem a exigência da exclusividade – se preocupam pouco com o autorretrato que projetam, que neste caso seria o de alguém que evita a ribalta e a primeira fila, preferindo a (in)comodidade do registo aparentemente menor e, por isso, algum tanto marginal.

Essa questão da menoridade artística nunca incomodou aliás Rubem Braga, que sempre recusou o estatuto de escritor, preferindo o de jornalista. É o que se pode ver nesta passagem de uma crónica de *A borboleta amarela*, livro de 1955:

Há homens que são escritores e fazem livros que são verdadeiras casas, e ficam. Mas o cronista de jornal é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai.<sup>1</sup>

Também a questão dos gostos e da imagem que eles projetam não parece ter preocupado o nosso autor, que cultivou sempre a imagem de anti-intelectual, começada a esboçar logo no seu primeiro livro, *O conde e o passarinho*, de 1936, numa crónica sobre uma estrela da época, a canadiana Fifi D’Orasay:

A minha posição diante de Hollywood é apenas a de um inconsolável basbaque. E Fifi me alegra. Wilde amava os poetas medíocres, mas, naturalmente, para efeitos de paradoxo. Eu

---

\* Comunicação apresentada em *Tinha paixão? Colóquio internacional: literaturas brasileira e africana: 3.ª edição*. Porto, 29 de abril a 3 de junho de 2013.

<sup>1</sup> «Manifesto» (de *A borboleta amarela*). In *200 crônicas escolhidas*. 27.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 236.

uso apenas três poetas, todos de primeira água. Um deles é Jesus Cristo, e os outros dois são Sacco e Vanzetti. Fora deste detalhe, sou um apaixonado da mediocridade. Gosto de filé com fritas e de chope, aprecio os bondes, as gravatinhas-borboletas, as pensões familiares e vários produtos nacionais.<sup>2</sup>

Feitas estas considerações preliminares, entrei agora no tema, procurando justificar a escolha e, ao mesmo tempo, tentando cativar para ela quem se dispôs a escutar-me. Evitarei por isso a apresentação mais ou menos didática do autor e da sua obra, sugerindo aos menos informados a leitura do número dos *Cadernos de Literatura Brasileira*<sup>3</sup> dedicado a Rubem Braga, que inclui uma apresentação do autor bem documentada (biografia, depoimentos, miniantologia, fotos e desenhos, inéditos), uma bibliografia ativa e passiva e ainda três excelentes ensaios. Evitarei também a revisitação da doxa em torno de Rubem Braga ou acerca da crónica e suas fronteiras, que alguns proclamam como a maior contribuição das letras brasileiras para a história dos géneros literários, esquecendo os muitos casos semelhantes existentes noutros países em que a menor pujança da espécie não impede o aparecimento de autores tão bons quanto os melhores do Brasil. Portugal é um bom exemplo: as antologias preparadas e comentadas por Ernesto Rodrigues e Fernando Venâncio<sup>4</sup> e vários estudos sobre autores particulares mostram bem a presença importante da crónicas nos dois séculos passados; por outro lado, casos como os de Manuel António Pina – o autor dos textos de *O anacronista*<sup>5</sup>, não o da coluna que nos últimos anos era publicada na página final do *Jornal de Notícias* –, de António Lobo Antunes, de um ou outro dos livros de Miguel Sousa Tavares e de autores menos conhecidos, como Arnaldo

---

<sup>2</sup> «Fifi». In *O conde e o passarinho e Morro do isolamento*. 5.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 1982, p. 12.

<sup>3</sup> N.º 26 (mai. 2011). São Paulo: Instituto Moreira Salles.

<sup>4</sup> RODRIGUES, Ernesto – *Crónica jornalística: século XIX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003; VENÂNCIO, Fernando – *Crónica jornalística: século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004.

<sup>5</sup> Porto: Afrontamento, 1994.

Saraiva e o seu *Bacoco é bacoco, seus bacocos*<sup>6</sup>, provam que a crónica literária, à *brasileira*, continua viva no nosso país. Além disso, olhando, a título de exemplo, para o nosso lado, vemos em Espanha (ou na Catalunha) outro excelente representante do género, Quim Monzó, que aliás tem conhecido grande sucesso editorial em livro.

Evitando pois esse caminho, começarei dizendo que, na leitura como na vida, há várias formas de amor (e de paixão): há autores de que gostamos porque nos dão prazer, porque nos divertem, porque nos fazem pensar, porque vêm ao encontro (ou não) da nossa forma de sentir e representar o mundo, pelo modo como trabalham o texto, pela sua capacidade de inovar ou renovar, etc. Muitos impõem-nos um grande esforço para os conseguirmos acompanhar; outros obrigam-nos a refazer a ponte que nos permitirá retomar o contacto com o lugar em que estávamos antes de os termos lidos; outros ainda servem para nos fazermos maiores. Creio que o caso de Rubem Braga é diferente: ele pertence ao grupo de autores que nos fazem melhores, isto é, que nos dão a grata ilusão de sermos melhores. Em parte pela impressão de simplicidade e de facilidade, que nos leva a crer que também nós somos capazes: de termos ideias assim; de vermos, sentirmos, pensarmos assim; de escrevermos assim. Daí nasce um simulacro de democracia literária que não vemos noutras esferas da literatura: achamos às vezes – pelo menos enquanto o autor está vivo – que temos o direito de discutir, discordar, corrigi-lo. Isto porque, a dada altura da convivência com autores como Braga, a distância entre leitor e autor como que se anulou, a um ponto tal que ele é agora nós: a ansiedade com que esperamos a próxima crónica (dantes em jornal ou revista, agora em livro) é de algum modo a ansiedade de nos contemplarmos na água de Narciso.

É em parte por isso que podemos sentir hoje na leitura de Rubem Braga – como o terão podido sentir os leitores seus contemporâneos – uma espécie de orientação para o entendimento de

---

<sup>6</sup> Porto: Lello & Irmão, 1995.

tanta coisa do Brasil e do universo, do ser humano e de cada um de nós. Lidos à distância – no espaço, mas também no tempo (Rubem começou a publicar crônicas aos 15 anos, em 1928, e praticou o ofício até à morte, em 1990) –, os textos do autor de *A borboleta amarela* mostram-nos um observador arguto e intuitivo, que captou de forma lapidar aspetos essenciais da sociologia e da história, da política e da psicologia, numa postura que o aproxima dos velhos cronistas, como Diogo do Couto<sup>7</sup>, por quem nutria particular predileção e a cuja leitura voltava com frequência. Sem a pretensão de um ensaísta ou de um cientista, sem o pretensiosismo de um colunista que faz opinião, Braga teve sempre o cuidado de apresentar como *desimportantes* as suas observações, formuladas que eram não ao nível do rés-do-chão (como sustentou Antonio Candido<sup>8</sup>), mas ligeiramente acima, ao nível da rede, território entre o sonho e a reflexão, o sono e a vigília, a preguiça e a diligência, no fundo, entre o útil e o fútil que Machado de Assis identificava como essência da crônica. Situando-se preferencialmente do lado do fútil, Rubem Braga adota uma postura em que nos parece possível detetar uma certa displicência: a displicência de um autor-personagem que não quer escrever (de)mais, porque a palavra é simultaneamente supletiva e defetiva em relação ao referente, o que impõe o recurso ao discurso figurado para sugerir o que não pode ser dito de outro modo. De uma forma mais lapidar, disse-o o próprio Rubem – falando embora da arte em geral –, na sua conhecida crônica «O pavão», de 1958:

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com o mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor, seu grande mistério é a simplicidade.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Vd. «Um cronista da Índia se queixa». In *Um cartão de Paris*. Sel. de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 105.

<sup>8</sup> «A vida ao rés-do-chão». In ANDRADE, Carlos Drummond de *et al.*, *Para gostar de ler: crônicas*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1979.

<sup>9</sup> «O pavão». In *Ai de ti, Copacabana*. 27.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 139.

Dito isto, vejamos então alguns exemplos da capacidade de nos orientar na compreensão de tanta coisa que a crônica de Rubem Braga apresenta, começando por aspetos – aparentemente menores – da cultura brasileira como o cangaço. Numa crônica de 1935, o autor comenta o veto de Getúlio Vargas, motivado pela falta de recursos, a uma lei que visava o desenvolvimento de uma campanha contra o cangaço, declarando que também discorda da iniciativa, mas por amor ao fenómeno, o que justifica com uma ironia e um humor que não enfraquecem a simpatia de quem mostra compreender o que está por trás:

Os métodos de Lampião são pouco elegantes e nada católicos. Que fazer? Ele não tem tempo de ler os artigos do Sr. Tristão de Ataíde, nem as poesias do Sr. Murilo Mendes. É estúpido, ignorante. Mas se o povo o admira é que ele se move na direção de um instinto popular. Dentro de sua miséria moral, de sua inconsciência, de sua crueldade, ele é um herói – o único herói de verdade, sempre firme. A literatura popular, que o endeusa, é cretiníssima. Mas é uma literatura que nasce de uma raiz pura, que tem a sua legítima razão social e que só por isso emociona e vale.<sup>10</sup>

Outro aspeto da cultura brasileira que comparece nas crônicas de Braga é a cachaça. Notando que «O Brasil é o único país do mundo que não leva a sério sua bebida nacional.»<sup>11</sup> – situação que só parece ter mudado nas últimas décadas –, escreve o nosso autor, numa postura empenhada mas capaz de albergar um terno lirismo:

Sim, cachaça faz mal, e quanto mais, pior. Mas foi com a cachaça que o brasileiro pobre enfrentou a floresta e o mar, varreu esse mundo de águas e de terras, construiu essa confusão meio dolorosa, às vezes pitoresca, mas sempre comovente a que hoje chamamos Brasil. É com essa cachaça que ele, através dos séculos, vela seus mortos, esquenta seu corpo, esquece a dureza do patrão e a falseta da mulher. Ela faz par-

<sup>10</sup> «Cangaço». In *O Conde e o passarinho e Morro do isolamento*, cit., p. 64.

<sup>11</sup> «A cachaça também é nossa». In *As boas coisas da vida*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989, p. 43.

te do seu sistema de sonho e de vida; é como um sangue da terra que ele põe no sangue.<sup>12</sup>

Também a rede de dormir é objeto de louvor numa crónica que é uma espécie de recensão a um livro do antropólogo Luís da Câmara Cascudo sobre o tema<sup>13</sup>, sendo considerada noutra texto como um dos melhores produtos da sincrética cultura brasileira:

Foi o português que trouxe a mangueira da Índia, foi o português que aprendeu, com o índio, a fazer redes, mas a idéia de armar a rede embaixo da mangueira é uma idéia toda brasileira. Creio que, ao longo dos quatro séculos e meio em que tentamos formar nos trópicos uma confusa civilização, esta foi a coisa mais bem combinada que chegamos a fazer.<sup>14</sup>

Como é habitual em Braga, segue-se o remate humorístico, numa tentativa de desvalorização do pensamento:

Esta profunda reflexão sociológica nasceu em meu fino espírito no último domingo, à tardinha, ao embalo de uma rede na sombra da mangueira; e daí para a frente meu espírito não produziu mais nada; apenas se deixou embalar junto com o corpo.<sup>15</sup>

Outro plano que podemos destacar na obra de Rubem Braga tem que ver com a reflexão sobre aspetos da política – sobretudo brasileira, mas também internacional; não a política quotidiana (embora essa também apareça), mas os grandes problemas e as opções de fundo. Um dos temas é o dos colonos alemães às vésperas da II Guerra Mundial que assume particular relevo no livro póstumo *Uma fada no front*<sup>16</sup>, em que são recolhidas algumas das crónicas que Braga publicou em Porto Alegre durante os quatros meses que aí

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 45.

<sup>13</sup> «Entre dois cochilos». In *As boas coisas da vida*, cit., p. 122-123.

<sup>14</sup> «Caçada de paca» (de *A cidade a roça*). In *200 crónicas escolhidas*, cit., p. 304.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> Sel. de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1994.

viveu em 1939, de julho a outubro. Avaliando com grande ponderação e sensibilidade o problema da integração e do *abrasileiramento* desses colonos, Rubem Braga escreve algumas das suas melhores páginas. Veja-se esta passagem em que dá conta da sua visita à cidade de Joinville, situada no estado de Santa Catarina:

Para me tornar mais perplexo sem me fazer mais incoerente, Deus encheu meu coração de um frio desprezo pelo nazismo e de um cáldo amor pela Alemanha. Foi assim com uma espécie de melancolia que eu vos amei à primeira vista, doce Joinville. Amei vossas casinhas ao mesmo tempo sensatas e líricas, tantas de madeira, com o sótão gracioso e as cortinas claras se balançando nas janelas. Tudo tinha um ar de limpeza e de bom gosto, tudo era simples e puro, com uma harmonia singela. Graves pais de família passavam às vezes de bicicleta levando seus embrulhos, seu guarda-chuva – e seus bigodes ruivos. E vi meninas de duas tranças lou-ras com fitinhas azuis, vi moças altas e ágeis falando um alemão meio adoçado pela distância, vi gordas senhoras vermelhas e maternais. Tudo aquilo era Alemanha e entretanto eu me obstinava em ver ali um vago ar de Brasil, em doce conjugação. Compreendi que há problemas que devem ser tratados ao mesmo tempo com a força e o carinho, problemas que ao mesmo tempo precisam de solução urgente e lenta, vagarosa e macia. E um fino problema de conquista é uma complicada campanha de armas e de sentimentos.<sup>17</sup>

Este livro contém uma crónica que destaca outro elemento fundamental da cultura brasileira moderna, hoje felizmente menos importante: a professora primária, que Braga considera «Uma fada no front»:

Trata-se de um front sentimental; mas são os fronts sentimentais que marcam as linhas dos outros. Não se trata, neste país de muitas terras e pouca gente, de conquistar terras, mas conquistar gentes; e gente só se conquista pelo coração. É gente de nossa terra que essa lutadora está conquistando para nossa terra. Quando sua mão passa, ternamente, pela cabeça áspera de um pretinho ou pela cabecinha macia de um

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 31.

menino louro, ela está semeando compreensão pelas nossas colheitas de ideal. Não está ensinando geografia, nem leitura, nem aritmética; está ensinando Brasil.<sup>18</sup>

Aos leitores mais exigentes poderá parecer uma observação simples – e até simplista – de mais; outros contudo, entre os quais me incluo, não descartarão esta intuição certa, escrita aos 26 anos, perante os estudos científicos sobre o tema.

A questão da unidade nacional volta a aparecer noutras crônicas, às vezes sob a forma de uma terna perplexidade. É o que acontece em «O homem dos burros», de 1953, em que a conversa com um companheiro de viagem pelo interior do Brasil conduz à seguinte conclusão:

O homem dos burros apenas sabia falar de burros – e na sua cara magra havia uma grande paz e conformação. (...) Me ofereceu um cigarro de palha. Aceitei. Quietos, magros, simples, com seu bigode grisalho e sua roupa cáqui, ele não sabia que era um desses homens que ainda explicam e fazem a gente entender esse absurdo tranquilo que é a unidade nacional.<sup>19</sup>

Para além destes temas maiores, as crônicas de Rubem Braga contêm uma imensidade de assuntos e de motivos, que muitas vezes podem parecer quotidianos e comezinhos, mas de que sempre emerge alguma coisa que nos interpela. Pode ser uma observação, em forma próxima do aforismo, sobre a falta de sentido da vida da maior parte de nós, como nesta passagem de uma crônica de 1949:

Deus sabe porque acordei hoje com tendência a filosofia de bairro; mas agora me ocorre que a vida de muita gente parece um pouco essa lição de piano. Nunca chega a formar a linha de certa melodia. Começa a esboçar, com os pontos soltos de alguns sons, a curva de uma frase mu-

sical, mas logo se detém, e volta, e se perde numa incoerência monótona.<sup>20</sup>

Mas pode ser também um conjunto de comparações, aparentemente comuns, mas surpreendentes porque *fora do lugar*, como nesta passagem de «Sentimento do mar», de 1935:

Agora o ventinho nos pega. A vela treme feito mulher beijada. Fica túmida feito mulher beijada. Às vezes, a força do vento diminui um pouco, e ela bamboleia, amolece, feito mulher possuída.<sup>21</sup>

Ainda um outro exemplo, talvez mais inesperado, dado que o referente é um prato mineiro:

O lombo era o essencial, e a sua essência era sublime. Por fora era escuro, com tons de ouro. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria, levemente enfiada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que têm certas nuvens às quatro e meia da tarde, na primavera. O gosto era de um salgado distante e de uma ternura quase musical. Era um gosto indefinível e puríssimo, como se o lombo fosse lombinho da orelha de um anjo ouro.<sup>22</sup>

Talvez seja esse o efeito mais constante das crônicas de Rubem Braga: a deslocação de vocábulos e figuras para um campo inesperado, gerando uma estranha – e agradável – impressão de *coisa fora do lugar*. É o que acontece na crônica «Árvore», escrita em 1955, em Santiago do Chile, em que o autor funde duas das suas mais constantes predileções, um álamo e uma jovem mulher:

Alta, muito alta, e branca, muito branca, de olhos verdes... Sonhei ter visto uma jovem assim? Terei sonhado ou sonhei que sonhava; não sei; essa moça devia ser irmã da árvore, que vi a vez primeira em noite de luar, erguendo para a noite azul os seus galhos unânimes. Mas de manhã, quando abri a janela, e o sol nascia sobre a

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 67.

<sup>19</sup> «O homem dos burros». In *O verão e as mulheres*. 10.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>20</sup> «O vassoureiro». In *O homem rouco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1949, p. 159.

<sup>21</sup> In *O Conde e o passarinho e Morro do isolamento*, cit., p. 51.

<sup>22</sup> «Almoço mineiro». *Ibid.*, p. 123.

Cordilheira, é que ela esplendeu em toda sua beleza.<sup>23</sup>

De uma outra maneira, é o que acontece também em «O país de minha noiva», uma crónica de 1964 em que o autor adota o estilo de um dos seus poucos livros de cabeceira, *O cântico dos cânticos* :

A minha noiva é formosa e ditosa: assim é o seu país.

No país de minha noiva os trovões são gordos e alegres; e a chuva é musical. Costuma parar de chover um pouco antes das cinco e meia da tarde, a tempo de propiciar um arco-íris, em sinal de aliança do Astro-Rei com a Terra. Não se trata de aliança para o progresso, mas aliança de amor.<sup>24</sup>

É num tom e num estilo parecidos que, num texto mais conhecido, «Recado ao Senhor 903», de 1953, Rubem Braga reflete sobre a convivência entre vizinhos de um prédio:

... Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: «Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou.» E o outro respondesse: «Entra, vizinho, e come de meu pão e bebe de meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela.»<sup>25</sup>

Esta é outra das marcas exclusivas de Braga: uma sabedoria suave, levemente utópica, que encontra aplicação em muitos outros casos, como os fenómenos naturais. Veja-se esta passagem de «Terremoto», escrita em Santiago, em 1955:

Lamentemos esse morto e também os pobres pescadores que perderam seus barcos; mas qualquer enchente carioca dá mais prejuízo e vítimas. Mas louvemos o maremoto e o terremoto pelo que eles têm de fundamentalmente pânico, pela sua cega, dramática, purificadora intervenção na vida cotidiana, pela sua lição de humanidade e de fatalidade. Talvez seja bom que os

<sup>23</sup> In *Ai de ti, Copacabana*, cit., p. 19.

<sup>24</sup> (De *A traição das elegantes*). In *200 crônicas escolhidas*, cit., p. 479.

<sup>25</sup> In *O verão e as mulheres*, cit., p. 22.

homens não se sintam muito seguros sobre a terra e que o proprietário de imóvel possa desconfiar que ele não é tão imóvel assim (...).<sup>26</sup>

Ou ainda esta sobre a recusa da casa moderna (em 1957), com espaços abertos e poucas paredes:

A mocidade pode viver nessas alegres barracas de cimento, nós precisamos de sólidas fortalezas; a casa deve ser antes de tudo o asilo inviolável do cidadão triste; onde ele possa bradar, sem medo nem vergonha, o nome de sua amada: Joana, JOANA! – certo de que ninguém ouvirá; casa é o lugar de andar nu de corpo e de alma, e sítio para falar sozinho.<sup>27</sup>

Para terminar, destacaria dois outros aspetos que me parecem característicos da obra de Rubem Braga. O primeiro é a capacidade de observação, aplicada sobretudo à mulher. Sirva de exemplo a crónica «A mulher que ia navegar», em que o autor acompanha uma mulher que, numa reunião social, deambula até escolher um amante:

Mas senti que seu olhar já estudava aquele homem com uma severa e fascinada atenção, como se procurasse na sua cara morena os sulcos do vento do mar e, no ombro largo, a secreta insignia do piloto de longo, longo curso.

Aborrecido e inquieto, o marido bocejou – era um boi esquecido, mugindo, numa ilha distante e abandonada para sempre. É estranho: não dava pena.

Ela ia navegar.<sup>28</sup>

A segunda é um tipo particular de humor a que poderíamos chamar de metalinguístico. Cito apenas dois exemplos, a começar por esta passagem em que está em causa a palavra *outeiro* e seus mais comuns sinónimos:

Mas tornemos os olhos para a esquerda e lá veremos o outeiro da Glória com sua igreja branca; toda uma graça. Para começar, confessei que o outeiro da Glória é na verdade o único

<sup>26</sup> In *Ai de ti, Copacabana*, cit., p. 21-22.

<sup>27</sup> «A casa». *Ibid.*, p. 52.

<sup>28</sup> In *Recado de primavera*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 83.

outeiro que já conheci na minha vida – o resto é monte, é morro, não é outeiro.<sup>29</sup>

O segundo exemplo surge na abertura da crônica «Viúva na praia», com uma paráfrase do livro de primeiras letras:

Ivo viu a uva; eu vi a viúva. Ia passando na praia, vi a viúva, a viúva na praia me fascinou. Deitei-me na areia, fiquei a contemplar a viúva.<sup>30</sup>

É tempo de terminar, na esperança de ter seduzido alguém para a leitura de Rubem Braga. Atendendo à juventude do auditório, usaria um último argumento: ao contrário de outros escritores brasileiros, e não só brasileiros, Braga acolhia com simpatia o jovem (a jovem) estudante que vinha fazer uma entrevista, manifestando uma confiança – que hoje vemos razoavelmente concretizada – nas novas gerações:

Sinto nessa menina que vem me entrevistar e em alguns companheiros seus um fundo sadio de amor ao trabalho, ao estudo e à justiça social; querem saber como este mundo foi e por que é assim, por que há tanta gente rica e tantos miseráveis, tanta roubalheira e tantos fingimentos. Do fundo da minha descrença eu encontro uma secreta, desesperada esperança: gente assim e só gente assim pode criar dias mais limpos e racionais para o Brasil. Que Deus proteja essa geração do maldito AI-5.<sup>31</sup>

Não foi meu propósito explicar o lugar de exceção que Rubem Braga ocupa – ocupará ainda, quase um quarto de século depois da sua morte? – na história da crônica brasileira nem tão pouco sintetizar e discutir o muito trabalho teórico-crítico que a sua obra tem suscitado. Em vez disso, quis apenas justificar o porquê de ele ser uma das minhas paixões literárias, sugerindo que a questão da minoridade é quase sempre uma questão de

---

<sup>29</sup> «O Rio antigo era assim». In *As boas coisas da vida*, cit., p. 27.

<sup>30</sup> In *Ai de ti, Copacabana*, cit., p. 119.

<sup>31</sup> «A geração do AI-5». In *As boas coisas da vida*, cit., p. 58.

perspetiva. E que, da mesma forma que a vida se compreende melhor a partir de uma rede, de preferência com uma cobertura como aquela em que habitava Rubem Braga (e que fazia dele, segundo os amigos, o único agricultor de Ipanema), também a grandeza desta obra se vê melhor quando tiramos os óculos, como no conto «História de uma miopia», de Clarice Lispector.